

Roteiro pedonal de Olhão (para cegos) - 2022

E a casaria tem alvuras argelinas.
Curvas da cor do gelo a desenharem ruas,
Têm alvores sensuais lembrando espáduas nuas...
Uma volúpia doce, astral, desfalecente,
Dissolve-se no ar embriagante e quente... [...]

João Lúcio *in* “As terras”

1. Introdução

A cidade de Olhão é a capital de um Concelho com 5 localidades - Olhão, Quelfes, Pechão, Fuseta, e Moncarapacho – as quais ocupam um território que se estende desde a Ria Formosa, na orla costeira, até ao Barrocal Algarvio.

É apelidada de cidade “cubista” porque os seus bairros mais antigos têm características acentuadamente mouriscas (casas cúbicas, com terraços sobrepostos, e caiadas de branco), embora não se conheça qualquer construção deixada pela ocupação árabe.

Isto faz de Olhão um agrupamento urbano provavelmente único na Europa, pois é a única localidade europeia com características mouriscas, construída de raiz por europeus.

A emigração e o comércio com Marrocos terão sido os fatores que explicam esta arquitetura tradicional, inscrevendo Olhão na tradição milenar mediterrânica de intercâmbio cultural entre povos, à custa das suas trocas comerciais.

Para além do passeio pelos bairros mais antigos, perto dos Mercados, e dos próprios Mercados, recomenda-se a visita à Ecoteca (na Casa Dr. João Lúcio), ao Parque Natural da Ria Formosa (tem percursos pedestres sinalizados) e às ilhas, que têm ótimas praias com vários quilómetros de extensão.

2. História

O primeiro povoamento terá ocorrido após a reconquista cristã, devido à instalação de uma armação do atum, provavelmente no séc. XVI, que atraiu pescadores de Faro acompanhados pelas famílias.

A existência de um grande “olho de água” no local, teria dado origem ao nome de Olhão.

Os primeiros edifícios de pedra foram as igrejas: primeiro, a Igreja Pequena ou da Nossa Senhora da Soledade, em data incerta, e depois a Igreja Matriz, ou da Nossa Senhora do Rosário, iniciada em 1698.

No entanto, a vizinha cidade de Faro, numa tentativa de centralizar todo o desenvolvimento da região, recusava autorizar a construção de habitações em alvenaria em Olhão. Apenas no ano de 1715, a Rainha decidiu contrariar as autoridades de Faro e autorizou a construção de uma primeira habitação em alvenaria. Até esta data, Olhão era ainda uma pequena localidade sem aristocracia, apenas constituída por homens do mar, a quem recusavam tanto a autonomia administrativa como o direito à construção de uma simples casa de alvenaria!

Em 1765, El-Rei D. José concede finalmente aos mareantes do **Lugar de Olhão** (então com 850 fogos) a autorização de se separarem da Confraria do Corpo Santo de Faro (organização de pescadores que prestava ajuda e outros serviços aos próprios sócios quando necessitados), constituindo eles mesmos uma confraria sua, que suportariam às suas custas - o Compromisso Marítimo.

Mas foram as invasões francesas, no século XIX, que deram a oportunidade a Olhão de se afirmar politicamente e de forma definitiva.

Neste período, provavelmente devido ao seu espírito igualitário e sem compromissos com os poderes instituídos, os olhanenses protagonizaram em 16 de Junho de 1808 (actualmente o dia da Cidade) a primeira sublevação bem sucedida contra a ocupação francesa, que se tornou um rastilho decisivo para a expulsão do exército napoleónico do Algarve.

Este momento histórico foi determinante para a emancipação de Olhão, porque o rei D. João VI (1767-1826), então refugiado no Brasil, recebeu a boa nova da expulsão dos franceses através de um punhado de olhanenses que se meteram ao mar a bordo do caíque "Bom Sucesso" no dia 6 de Julho de 1808, numa viagem heróica, apenas orientados pelas estrelas, as correntes marítimas e um mapa rudimentar! O rei, reconhecido pela iniciativa da sublevação e pelo heroísmo da viagem marítima, elevou o pequeno e desconhecido *Lugar de Olhão* a vila, em 1808, com o epíteto de Vila da Restauração.

Na última metade do séc. XIX, a actividade comercial desenvolvida pelos marítimos olhanenses teve um grande crescimento, estendendo-se até ao Mediterrâneo Oriental. São conhecidos nesta época contactos com o Mar Negro (em 1871, um

caíque capitaneado por António da Silva Guerreiro, foi até Odessa, na Ucrânia, para comprar cereais) e outras paragens como Oram, Nemours, Philippoville, Sardenha...

São os contactos comerciais e a emigração para Marrocos que leva muitos olhanenses a construir as suas habitações de modo semelhante às que existem no Norte de África, cúbicas e caiadas de branco, o que valeu a Olhão a alcunha de "vila cubista".

Na primeira metade do séc. XX, a instalação da indústria de conservas de peixe, fez de Olhão uma vila rica e extremamente produtiva. A primeira fábrica de conservas surgiu em 1881, fundada pela empresa francesa Delory, e em 1919 já existiam cerca de 80 fábricas fundadas por portugueses e estrangeiros, nomeadamente franceses, espanhóis e, sobretudo, italianos. O facto do Sporting Clube Olhanense ter-se consagrado Campeão Nacional de Futebol em 1924 foi representativo deste desenvolvimento.

Infelizmente, na última metade do séc. XX, a decadência da indústria conserveira e da própria pesca, causada pela redução de stocks do pescado, empobreceu a vila mas, actualmente, através do turismo, Olhão volta a renascer, tendo sido elevada a cidade em 1985.

3. O que sentir num percurso pedonal em Olhão?

Recomendaríamos iniciar na Capela do Senhor dos Aflitos, construída em 1948 nas traseiras da Igreja Matriz e em pela Avenida da República.

1) Capela do Senhor dos Aflitos

Trata-se de uma pequena capela aberta para a rua, dedicada ao Senhor dos Aflitos que foi construída a pedido dos marítimos que precisavam dum local onde pudessem pedir ajuda a qualquer hora do dia ou da noite, quando se sentissem aflitos.

Aqui pode cheirar-se as velas que alumiam Jesus Cristo. Mais acima tem uma varanda donde o pároco dava outrora o sermão no final das procissões, e na parte superior existe um painel de azulejos com o Cristo Crucificado. Perto desta associação está a Capela do Senhor dos Aflitos nas traseiras da Igreja Matriz

2) Igreja Matriz ou Igreja da Nossa Senhora do Rosário

A Igreja Matriz é a maior das duas igrejas de Olhão, e o segundo edifício a ser construído em alvenaria na cidade (entre 1698-1722).

Esta igreja, assim como todos os edifícios mais importantes da localidade construídos posteriormente (o Compromisso Marítimo e o Hospital), foram sempre resultado dos contributos dos pescadores.

A construção da Igreja Matriz decorre da criação da freguesia de Olhão em 1695 e abriu ao culto em 1715, ainda antes de estar terminada, atendendo à grande vontade dos olhanenses de se emanciparem como freguesia autónoma.

Na torre sineira encontra-se um relógio de sol e uma inscrição que comprova a vida humilde destes marítimos olhanenses:

"À custa dos homens do mar deste povo se fez este templo novo, no tempo em que só haviam umas palhotas em que viviam. 1698".

Este edifício, traçado por Inácio Mendes, autor da Confraria do Corpo Santo de Faro (organização mutualista de pescadores), apresenta uma fachada barroca majestosa, que tem a particularidade de as janelas alinhadas fazerem lembrar um edifício de arquitectura civil.

Na torre não sineira diz a tradição que algumas balas francesas, disparadas durante a revolta olhanense de 1808, se cravaram nas pedras e ainda hoje é possível tactear com os dedos uma delas, dentro de um orifício.

À volta da igreja estão 7 cruces que podem ser palpadas e representam as 7 chagas de Cristo (as chagas nos pés, nas mãos, no coração e ombro e na cabeça).

O interior é amplo, em forma de cruz latina, coberto por uma abóbada de berço, onde se encontram três altares: o Altar-mor ao centro, que tem o maior pé-direito de todas as igrejas do Algarve; o Altar das Almas à direita, e o da Nossa Senhora da Conceição à esquerda.

Em frente da Igreja Matriz encontra-se o edifício do Compromisso Marítimo.

3) O Compromisso Marítimo

Este edifício só em 1771 é inaugurado na actual Praça da Restauração. Tratando-se de uma instituição corporativa, para a qual os marítimos faziam pagamentos de forma a poderem receber ajuda nos momentos de doença ou

azar, a sua fundação representou a conquista de autonomia destes marítimos relativamente à entidade congénere de Faro.

Está anexado às traseiras da Igreja da Nossa Senhora da Soledade e é um edifício de grande beleza arquitectónica, tendo na sua frontaria uma inscrição que diz: "Esta obra foi feita à custa dos marítimos da nobre casa do Corpo Santo deste lugar de Olhão, em tempo do felicíssimo reinado do Fidelíssimo Rei Senhor D. José, o primeiro, que Deus guarde, sendo juiz da mesma Casa António de Gouveia, no ano de 1771". É curioso notar que António Gouveia foi um dos poucos olhanenses que, já centenário, em 1808 morreu em combate na ponte de Quelfes, durante a revolta contra os franceses. Quando morreu, devido à sua idade tinha a alcunha de Pai-Avô e, os seus descendentes, em sua homenagem passaram a usar como apelido esta alcunha que ainda hoje é usada.

Na frontaria do edifício, à direita, existe uma inscrição de 1959 onde se faz referência à espantosa aventura de um casal de olhanenses que, nessa data, de forma ilegal e em fuga por motivos passionais, atravessaram o Atlântico, de Olhão ao Brasil, numa embarcação de 6,5 metros!

A fachada principal é simétrica, onde figuram duas janelas com sacadas de ferro forjado e, ao centro, um nicho em pedra trabalhada com a imagem da Nossa Senhora da Graça. Esta imagem, segundo a lenda, teria sido encontrada pelos pescadores a flutuar no mar. Ainda há pouco tempo, nos momentos de escassez de pesca, os marítimos ofereciam velas e azeite para alumiar a Santa, de forma a que esta trouxesse novamente o peixe.

O Compromisso Marítimo está intimamente ligado ao momento histórico mais importante de Olhão – a revolta contra as tropas napoleónicas de 1808 – e a toda a vida e espírito da cidade de Olhão por ser o produto e o símbolo do esforço dos marítimos olhanenses, desde a sua fundação.

No dia 22 de Fevereiro de 1943 o Compromisso Marítimo é transformado na Casa dos Pescadores e, já no século XXI, este edifício foi recuperado e restaurado, criando-se nele o Museu da Cidade, de forma a salvaguardar e divulgar o património cultural do concelho, integrando uma sala interactiva, a sala de despachos, a sala da arqueologia, a sala de exposições temporárias e o núcleo bibliográfico.

Nas traseiras do Compromisso Marítimo encontra-se a Igreja Pequena.

4) Igreja Pequena ou Igreja da Nossa Senhora da Soledade

É a igreja mais pequena mas tem a honra de ter sido o primeiro edifício de alvenaria construído em Olhão, tendo funcionado como Igreja Matriz até à construção da Igreja da Nossa Senhora do Rosário. Desconhece-se quando

foi construída, havendo alguns historiadores que presumem ser esta igreja a capela que alguns registos históricos indicam ter sido fundada em Marim por D. João I (séc. XIV).

É ainda de referir que à direita da entrada da igreja, no pavimento, existe uma laje, a tapar um poço antigo.

O interior, de nave única com cinco altares, não é visitável porque, actualmente, esta pequena igreja é apenas usada como capela fúnebre.

Da Igreja Pequena seguimos pela **Rua do Comércio** que foi a primeira rua pedonal do País (em 1933), e tem ao longo do seu comprimento, no chão e ao centro, uma valeta coberta por um gradeamento que pode ser utilizado como guia. Podemos então entrar pela Travessa do Gaibéu no Bairro da Barreta onde temos as estatuetas alusivas à **Lenda do Mouro Encantado**.

Depois seguimos pela **Rua do Pinheiro** até ao **Largo João da Carma**, onde está a estátua da **lenda do Arraúl**.

Regressamos dentro do Bairro da Barreta para o **Largo do Carolas**, onde está a estátua do **“Menino dos Olhos Grandes”**.

Depois vamos para o **Largo Patrão Joaquim Lopes** onde está a estátua da **Floripes** e passamos aos **Mercados** do Peixe e da Fruta construídos em 1915.

Seguimos para o **Jardim Patrão Joaquim Lopes** onde paramos na estátua deste grande olhanense a quem se atribui o salvamento de muitas vidas no mar.

5) As casas “cubistas” dos bairros antigos da Barreta e Levante

A arquitectura "cubista" é o termo encontrado para definir estas típicas casas olhanenses, atendendo ao aspecto de aglomerados cúbicos que as mesmas assumem nos bairros mais populares. Estas casas são algo semelhantes às encontradas no Norte de África e noutras zonas do Mediterrâneo.

No entanto, a sua génese histórica é totalmente original, porque não foi herança da ocupação árabe, terminada no séc. XIII, mas sim herança da emigração dos olhanenses para o Norte de África, iniciada no séc. XVIII. Efectivamente, Olhão é uma cidade cuja primeira construção de alvenaria só foi autorizada em 1715, cerca de 5 séculos após a expulsão dos árabes do Algarve, sendo por isso caso único no mundo, onde europeus modernos construíram um bairro com características mouriscas ... só após o séc. XVIII.

Quanto à arquitectura destas casas, existem também singularidades que a afastam do mero decalque arabizante: enquanto as casas islâmicas não têm parapeito no terraço (ou têm-no muito baixo), as casas cubistas têm sempre um parapeito alto a delimitar a açoteia ou terraço; por outro lado, ao contrário da típica casa muçulmana (ou mesmo, da típica casa algarvia), as casas olhanenses têm frequentemente no terraço um pangaio ou mesmo uma divisão maior (num canto geralmente posterior e lateral) em cima da qual aparece um segundo terraço (o mirante) e, ocasionalmente, em cima deste aparece mais um compartimento menor, à laia de púlpito (sempre a um canto), encimado por um terceiro terraço (o contramirante).

Estas casas são assim pirâmides que crescem em degraus (o compartimento superior está sempre a um canto) e, como as casas contíguas nem sempre têm as mesmas alturas, o espectáculo é tridimensionalmente algo caótico, de cubos brancos que se amontoam, encostados uns aos outros.

Outras especificidades são as aplicações da açoteia e do mirante, bem diferentes das utilizações marroquinas e até mesmo algarvias: o mirante servia (e ainda serve) para observar a entrada dos barcos e o estado do mar; a açoteia tinha a função de logradouro (para arrumos do tudo aquilo que prejudicava a pequena área de habitação, secagem de frutos, secagem de roupa) e nela se acrescentava divisões da casa em altura.

Outras características são a planta rectangular, com as divisões geralmente abobadadas, e a cozinha nas traseiras da casa, com ligação a um pequeno quintal interior. É deste quintal que sobem as escadas para a primeira açoteia (e não do exterior da casa, como por vezes sucede noutros locais) ou mesmo do interior da casa coberta, abrindo-se neste caso para um pangaio ou mesmo para uma divisão maior no 1º piso, como já foi referido.

Finalmente, estas casas possuem chaminés de balão, cúbicas e simples, sem ajuntamento arrendado, ao contrário do que sucede frequentemente no resto do Algarve.

As casas têm frequentemente portas com um degrau na entrada como protecção contra as inundações. Estas portas têm frequentemente batentes com motivos marítimos e postigos com reixas, que são gradeamentos rendilhados, que possibilitam a quem está no interior, olhar para fora sem ser visto pelos que estão no exterior.

Os materiais usados na construção das paredes são a alvenaria, a pedra ou o tijolo, revestindo-se as açoteias de ladrilhos e as paredes com caição branca, para evitar o mais possível os excessos de calor do clima mediterrânico.

AS LENDAS DE OLHÃO

A Lenda do Mouro Encantado

Ataíde Oliveira conta num seu livro publicado em 1898, que conheceu um antigo pescador já idoso, barbas brancas e “aspeto franco e aberto”, de nome Manuel Caleça Branco, que contava uma estranha história que lhe terá sucedido quando era ainda um menino entre os 8 e os 10 anos.

Estaria ele jogando à bola quando apareceu um rapazola muito mais velho também a querer meter-se no jogo. Acabaram os dois por ficar sozinhos e o menino disse-lhe que ele parecia não ter nenhum jeito para o jogo, ao que o rapazola respondeu que sabia outros mais bonitos disponibilizou-se a mostrá-los, convidando-o a subir para cima das suas costas.

O menino e escanchou-se nas costas do sujeito e pelos vistos sentiu-se a voar até chegar “ao sítio, onde hoje corre a estrada do ramal novo, próximo da Horta do Souzinha,” onde ele parou e abriu-se na sua presença um alçapão por onde desceram a um palácio, que era uma verdadeira maravilha de tanto ouro e tanta riqueza visível. Ali esteve por algum tempo até que lhe pediu que o trouxesse para casa. O mouro encantado levou-o a casa, mas explicou-lhe primeiro que a partir daquele momento estaria sempre invisível ao seu lado, sentar-se-ia à mesa com ele e com ele se deitaria.

Segundo o próprio, a sensação de permanente acompanhamento foi uma realidade tão realista que até a comida tinha que ser posta a dobrar, porque metade sempre desaparecia misteriosamente!

O encantamento e esta sensação só terá desaparecido quando a criança se foi confessar e comungou pela primeira vez...

A Lenda do Arraúl

Arraúl foi um rapaz dotado de uma invulgar valentia, cujo nome quer dizer em sânscrito "amigo de bem fazer", o que se adequa à sua vida, porque foi ele quem criou o cordão dunar da actual Ria Formosa, que protege esta zona do Algarve.

Dizem que o Arraúl era o 20º filho do guarda-mor das colunas de Hércules, e o único sobrevivente da Atlântida, já que toda a população, assim como a própria ilha, desapareceram submersos, porque já na altura os deuses costumavam castigar os mortais quando eles se tornavam demasiados altivos e sobranceiros, o que sempre acontece nos momentos finais das grandes civilizações!

Arraúl, com aquela ondulação tumultuosa que submergiu a Atlântida, foi empurrado para o mar alto e engolido por uma enorme baleia. Com a ondulação violenta, a baleia *almareou* (ou seja, enjoou) e devolveu-o ao mar ainda com vida. A força da corrente veio depositá-lo em terra firme, no Sítio das Prainhas, local onde Olhão se iniciou.

Logo se sentiu encantado com o lugar e receoso de outro cataclismo, decidiu proteger a costa nesta zona, carregando terra dos montes vizinhos (nomeadamente do Cerro da Cabeça) para o mar. Para isso, construiu um enorme carro quadrado, com duas rodas quadradas - gostava de tudo o que era quadrado! – e ei-lo a escavar e carregar terra! Assim nasceu a língua de areia, que protege a costa, formando as ilhas da Fusetas, da Armona e da Culatra. As correntes fizeram com que esta areia aos poucos chegasse até Cacela e assim se formasse a actual Ria Formosa com todo o seu cordão dunar.

De realçar que, segundo a lenda, antes do Arraúl aparecer, o Cerro da Cabeça era maior que o Cerro de S. Miguel [actualmente, o mais alto cerro, perto de Moncarapacho, e que vale bem uma visita devido à extraordinária vista], mas com a escavação maciça a que foi sujeito foi abatendo ficando tal como é hoje, bastante menor que o Cerro de S. Miguel!

Nos seus carregamentos, alguns detritos caíam através do actual Sítio dos Murtais e Alfandanga, formando uma planície muito rica para agricultura. Por aqui viveu, durante muitos anos, fazendo vida de mar.

Diz-nos a lenda que gostava muito de sardinhas e tinha o condão de as assar num fogareiro debaixo de água. Tal força possuía, que levantava com uma só mão e com a maior das facilidades, enormes barcos e respectiva tripulação.

O Arraúl tencionava também calcetar uma estrada através do oceano quer para o local onde outrora teria existido a sua antiga terra Atlântida, quer para a América, no entanto, primeiro quis fazer uma grande cidade subterrânea no Cerro da Cabeça, aproveitando as grutas que lá criou enquanto carregava terra para o mar.

Segundo alguns, Arraúl perdeu-se para sempre nos diversos labirintos que criou no Cerro da Cabeça, mas outros dizem que terá morrido quando a montanha abateu.

Seja como for, nunca mais foi visto, dele tendo ficado apenas esta lenda, a Ria Formosa... e Olhão!

A Lenda do Menino dos Olhos Grandes

Dizia o povo que tudo começou numa noite intensa, em que as gentes do Largo do Carolas (Bairro da Barreta) viram por volta da meia-noite uma criança arrumada a um cantinho, apenas vestido com uma camisinha e com um cesto de vime num braço. Como nas noites seguintes a criança voltou a aparecer, uma mulher mais

atrevida foi junto dela para observá-la melhor: era um menino baixinho, reboludo e de olhos grandes. Encostou-o à parede com grande custo para que ficasse mais protegido, depois tentou levantá-lo mas a criança tinha um peso bruto, acabando por deixá-lo e voltar para casa sobre o olhar surpreendido de todos.

Começou então a dizer-se que em Olhão havia um menino encantado e logo que a noite chegava, a maioria das pessoas já não saiam de casa com medo do encanto até porque, segundo alguns, só com o olhar este menino podia matar uma pessoa!

Este encanto começou a aparecer também no Bairro do Levante, e acabou por se tornar mais comum junto à chamada Fábrica Velha (perto do local onde actualmente os turistas apanham o barco para visitar as ilhas).

A verdade é que este Menino era visto apenas por marítimos solitários e sempre com grandes bebedeiras. Estes contam que ao verem o menino a chorar, pegavam-lhe ao colo, condoídos. O problema era sempre que os carinhos não paravam o choro do menino, e este ia pesando cada vez mais, e mais, e mais... até que o marítimo o deixava cair no chão. Nesse momento, de súbito, a criança desaparecia por encantamento.

Curiosamente, estas lendas apareceram numa altura em que havia muitos contrabandistas em Olhão... Naturalmente não lhes convinha encontrarem nas ruas à beira-mar, a Guarda-Fiscal ou mesmo outras pessoas quando, fora de horas, traziam sacos de contrabando descarregados nas praias escondidas...

A Lenda de Floripes

No local onde actualmente se situa o Grupo Naval de Olhão (onde os turistas apanham o barco para visitarem as ilhas) havia antigamente um moinho de maré, onde aparecia de noite, uma formosa mulher vestida de branco.

O único que se atrevia a andar por aquelas bandas à noite era um indivíduo de meia idade, que se embriagava e adormecia na rua.

A mulher de branco aproximava-se do bêbado, fazia-lhe meiguices e até se sentava a seu lado. Ele, na ressaca da bebida, contava a sua história aos amigos, mas ninguém se atrevia a deslocar-se ao local para a comprovar.

Um belo dia, soube que um seu amigo mais jovem iria casar-se em breve. Aproveitando-se do evento, promete oferecer-lhe um seu terreno como prenda de casamento, caso ele tivesse a coragem de o acompanhar a ver o fantasma.

Este, transido de medo, lá foi à aventura, atendendo ao grande jeito que lhe fazia a prenda.

Sentou-se numa pedra, junto ao Moinho de maré, e esperou pelas doze badaladas. Nesse momento surge da porta do Moinho uma mulher vestida de branco até aos pés. O vestido terminava numa bainha esfarrapada, a cobrir-lhe os pés descalços. A mulher aproximou-se com a face envolta num véu e uma flor nos cabelos compridos.

O rapaz, assustado, pergunta-lhe quem era e donde vinha.

- Sou a infeliz Floripes, uma moura encantada... porque quando o meu povo foi expulso, o meu pai e o meu namorado partiram sem poder prevenir-me. Eu aqui fiquei sozinha, à espera que me venham buscar. Numa noite em que esperava, vi ao longe a luz de uma embarcação. A noite era de tormenta e o barco escangalhou-se de encontro aos rochedos. Era o meu namorado, que foi engolido pelas ondas! Soube o meu pai deste acontecimento e vendo que não lhe era possível vir buscar-me, encantou-me de lá.

O rapaz, penalizado com a triste história, logo pensou em oferecer-se para salvar a moura e perguntou se havia alguma forma de a ajudar.

— Há sim - respondeu a Floripes - É necessário que um homem me dê um abraço, à beira do mar, e me fira no braço contíguo ao coração. Logo que tal aconteça, irei de imediato para junto dos meus familiares. Mas existe ainda uma pequena dificuldade: o homem que me fizer isto ainda terá de me acompanhar até África, atravessando o oceano com duas velas acesas e casar comigo à chegada. Se não o conseguir morrerá pela certa!

Claro que o rapaz, amedrontado pela dificuldade do pedido, logo recusou, argumentando que já tinha casamento marcado com a sua noiva!

E assim, porque ninguém se atrevia a tanto sacrifício para a ajudar, a moura continuou o seu encantamento durante muito tempo ainda, sentada no cais com os pés na água, esperando o seu pai voltar de África. Era por vezes vista à noite, a conversar com um menino de olhos grandes e com gorro encarnado. Seria o menino algum mouro que ali também ficou encantado? Ninguém sabe responder... o certo é que esse menino, que passou a ser conhecido como o "Menino dos Olhos Grandes", também era visto no Bairro da Barreta e do Levante!

Alguns olhanenses mais antigos acreditavam tanto nestas lendas que diziam que a Floripes era vista também durante o dia a fazer compras em lojas, onde pagava com uma moeda de ouro e sempre desaparecia sem receber o troco. Ainda hoje, quando alguém por qualquer razão não recebe o troco, se diz "és como a Floripes, não queres o troco!".

A Floripes era também a personificação do medo do transcendente. Quando se queria acautelar alguém, dizia-se "vê lá se te aparece a Floripes!".

Uma história curiosa mas verdadeira é a que sucedeu na Primeira Guerra Mundial, numa trincheira da Flandres, defendida por soldados portugueses. Numa noite invernososa, dois soldados olhanenses que estavam de sentinela viram surgir da neve

um vulto branco de mulher. O pavor de estarem a ver a Floripes paralisou-lhes por momentos a capacidade de premirem o gatilho! Foram os momentos necessários para compreenderem que o vulto também não seria um soldado inimigo. E foi assim que a Floripes salvou nesse dia a vida a uma mulher belga que fugia do lado alemão!

Talvez que este salvamento tivesse desencantado finalmente a Floripes, pois que há muito tempo a moura deixou de aparecer. Terá regressado finalmente à sua terra?

Este Guia Turístico pode ser utilizado livremente e foi produzido pela APOS (Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão), cujos contactos são apos.olhao@gmail.com.

Este Guia encontra-se alojado no website da APOS em <https://www.olhaocubista.pt/>